FOGUETARIO; POEMA HEROI-COMICO

P. de. Azevedo Tojal

PQ 9261
A9
F6
1904

STORAGE-ITEM
LPC/MN

LPA-D46E
U.B.C. LIBRARY

THE LIBRARY

THE UNIVERSITY OF
BRITISH COLUMBIA

Gift

Prof. H. V. Livermore

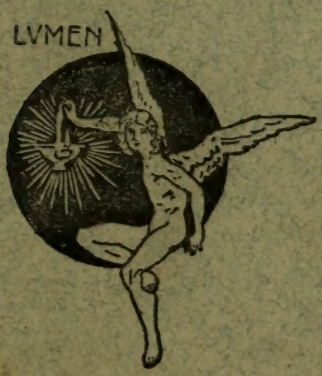
OBRAS DE AUCTORES PORTUGUESES
IV

PEDRO DE AZEVEDO TOJAL

Foguetario

POEMA HEROI-COMICO

Prefaciado e revisto por Mendes dos Remedios



COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR
1904

FOGUETARIO

OBRAS DE AUCTORES PORTUGUESES
IV

PEDRO DE AZEVEDO TOJAL

Foguetario

POEMA HEROI-COMICO

Prefaciado e revisto por Mendes dos Remedios

COIMBRA
FRANÇA AMADO — EDITOR

1904

Entre a serie dos poemas heroi-comicos que conta a Litteratura Portuguêsa tem passado quasi despercebido, senão inteiramente ignorado, o que hoje, solvendo um compromisso que de ha muito tomaramos, lançamos a publico, este breve e faceto *Foguetario,* escripto sem pretensões nem resaibos de erudições classicas, ligeiro, incisivo e perfurante como agudo epigramma, versando um episodio comico e interessante da vida faustosa e lantejoulada da epoca em que foi escripto, e fixando ao mesmo tempo em suas páginas amenas o curiosissimo reflexo dum facto, que constitue uma gloria para o português, a quem se deve a invenção dos aerostatos (1). Algumas palavras são aqui,

---

(1) O benemerito escriptor sr. Rodrigo Velloso, que por tantos annos e com tanta solicitude registou o movimento bibliographico português no jornal *Aurora do Cavado,* emprehendeu a publicação integral dos nossos poemas heroi-comicos, saindo em 1868 o 1.º da serie — *O Reino da Estupidez* de Francisco de Mello Franco. Em 1884 fez imprimir o *Foguetario,* que ficou todavia, contra a vontade do indefesso trabalhador, decerto, incompleto e, por isso, por publicar.

em guisa de introducção, indispensaveis, já que é de justiça saber-se quem seja o auctor do livrinho e o que o levou, num momento de feliz e rapida inspiração, a escrevê-lo.

I

Pedro de Azevedo Tojal, o auctor do poema, nasceu em Lisboa, fazendo a sua educação em Coimbra, onde recebeu o grau de bacharel na faculdade de Canones. Por morte de sua segunda mulher entrou no estado ecclesiastico recebendo as ordens menores. Morreu a 27 de setembro de 1742 na sua quinta das Romeiras, freguezia de Santo Antonio do Tojal, a tres leguas de Lisboa.

A enumeração das suas obras vem em Diogo Barbosa Machado (1) e mais completa em Innocencio Francisco da Silva (2). Na obra daquelle não apparece sequer menção do *Foguetario,* suppõe Innocencio e com justo fundamento, que propositadamente a omittiria o douto abbade de Sever para « não desgostar as pessoas, que a musa zombeteira do poeta se divertia em zurzir com seus rasgos satyricos ».

(1) *Bibliotheca Lusitana, historica, critica,* etc., vol III, pg. 560.

(2) *Diccionario Bibliographico,* vol. VI, pg. 395.

As obras de Tojal são raras no mercado, mas, póde dizer-se com inteira justiça, e sem menoscabo dos seus verdadeiros meritos, não é muito para sentir essa raridade.

Áparte um poema heroico offerecido a D. João V e que elle intitulou *Carlos Reduzido, Inglaterra illustrada* (1), e a traducção da *Jerusalem Libertada* de Tasso (2), unicos livros citados no *Catalogo da Academia,* a simples indicação do titulo das suas obras mostra a superficialidade da inspiração poetica. Esses titulos rescendem á velha escola gongorica e á influencia palaciana, que ambas dominam por completo o poeta. Escreveu:

— *Triumphos da morte, despojos da majestade em acção de sentimento da lamentavel morte da ser.ma rainha de Portugal, a sr.a D. Maria Sophia Isabel de Neoburg* (1699, 4.º) e que é simplesmente a glosa ao soneto de Camões, que principia:

Quem levas, cruel morte? Um claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem t'o faz levar? Quem o entendia (3).

— *Epitaphio saudoso, despertador funeral, escripto na cinza da sepultura da ser.ma rainha a sr.a D. Maria Sophia Isabel de Neoburgo* (1700, 4.º). Glosa ao mesmo soneto.

(1) Lisboa, 1716, 1 vol.

(2) Lisboa, 1733, 1 vol.

(3) *Obras de Luís de Camões,* ed. Jorumenha, vol. II, pg. 42.

— *Portugal luctuoso, chorando solitario nas mudas praias do seu amado Tejo a incomparavel saudade na deploravel morte do augustissimo Sr. D. Pedro II, seu melhor monarcha* (1707, 4.º). E' glosa ao conhecido soneto de Camões:

Fermoso Tejo meu quam differente
Te vejo e vi, me ves agora e viste,
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,
Claro te vi eu já, tu a mim contente... (1).

— *Gemidos saudosos entre a illustre e luctuosa Corte de Lisboa, e o poderoso e sentido reino de Inglaterra, aquella lamentando defunta a sua veneranda Infanta e este suspirando morta a sua melhor Rainha a Ser.ma D. Catharina* etc. (1706, 4.º). 27 oitavas e um soneto.

— *Offerenda lacrimosa consagrada nas aras da saudade dividida em cinco gemidos metricos despertadores do nosso desengano, á sentidissima, lamentavel, intempestiva e abbreviada morte da Ser.ma Infanta D. Francisca* etc. (1736, 4.º). 5 sonetos.

— *Lamento repetido da sentida Corte de Lisboa, figurada na saudosa Lysia chorando a morte da Ser.ma Senhora D. Francisca Infanta de Portugal* (1736, 4.º). Glosa a um soneto em oitavas.

— *Em applauso dos quatro completos, proseguidos, e desejados annos da ser.ma princeza da Beira D. Maria ponderando a letra O pelos cumprir no dia, em que se solemniza a Virgem N. S. com tal invocação.* 2 sonetos.

Barbosa Machado em poucas palavras manifesta o juizo que lhe merecia o auctor destas obras dizendo — teve natural genio para a poesia vulgar que cultivou felizmente, sendo os seus versos cadentes e conceituosos (2).

(1) *Ibid.*, vol. II, pg. 167.
(2) *Bibl. Lusit.*, III, pg. 560.

Innocencio considera-o um poeta erudito, mais de estudo que de natureza... Os seus versos são, em geral, bem fabricados e não lhes falta cultura e elegancia (1). Assim pensando, naturalmente, o douto investigador não sabe explicar bem a razão do silencio que a seu respeito guarda o prolixo José Maria da Costa e Silva no *Ensaio biographico-critico* (2), onde, aliás, tiveram entrada franca tam soporiferas mediocridades.

II

Seja como for e como quer que mereçam ser aquilatadas as obras de Tojal, que acabamos de apontar, o que é indubitavel é que, precisamente, aquelle dos seus trabalhos em que ha mais expontaneidade e mais inspiração e que por isso constitue o melhor estalão para se apreciar o seu valor é o *Foguetario* que hoje — como subsidio para o estudo da historia da Litteratura Portuguêsa — damos a lume.

Sem convencionalismos nem peias politicas ou cortezãs, escrevendo talvez já com o proposito de legar á posteridade, inédito, esse trabalho, Pedro Tojal deixou correr, como lhe acudia, a veia do seu estro.

« Não merecia o esquecimento em que jaz », diz Innocencio, e certamente que não. No

(1) *Dicc. Bibl.*, verb. *Pedro de Az. Tojal.*

(2) *Ensaio bibliographico-critico sobre os melhores poetas portugueses*, 10 voll., Lisboa, 1850-56.

Foguetario ha chiste e graça avonde e ha, demais, o que bastaria para no-lo recommendar á attenção curiosa e pesquisadora, e é — a allusão a um facto da época, que o auctor aproveitou como testemunha coeva, que delle foi, a primeira tentativa de navegação aerea feita no mundo e realisada em Lisboa por Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o *Voador,* como se lhe chamá no poema.

Mas vejamos antes de mais nada o que provocou a mordente satyra de Tojal, o meio em que ella nasceu e ajuda a explicá-la e interpretá-la.

III

O pensamento fundamental do *Foguetario* foi despertado ao auctor por ter assistido a um celebrado fogo de artificio por occasião das festas extraordinariamente faustosas com que, no reinado de D. João V, se celebraram os desposorios do principe do Brasil, depois rei, D. José I, com a infanta D. Mariana Victoria, filha de Filippe V de Castella.

Não ha descripção possivel que dê uma idéa exacta desse louco desperdicio com que D. João V quis solemnisar o enlace do infante de Portugal com a infanta de Castella (1).

(1) O leitor, a quem o facto interesse, encontrará noticia d'elle em D. Antonio Caetano de Sousa, *Hist. Genealogica da Casa Real,* tom. III, pag. 271, c. VIII,

Pela riqueza das equipagens, tam assombrosamente bellas que não as haviam visto melhores nem mais ricas aquelles proprios, que conheciam as tam celebradas do que era o modelo do rei português — Luis XIV, pelo numero dos coches, berlindas, estufas, caleças e seges, em cujo transporte se empregaram 353 urcos ou faisões, como então se chamavam, 468 cavallos e mulas, além de 673 cavallos de sela e 316 muares de galeras, carros de mato, liteiras e outros transportes, pelas pinturas, adornos, estofos e tapeçarias que figuraram nessas festas, pelo sequito de fidalgos, ecclesiasticos, a cuja frente ia o patriarcha de Lisboa, e creados, em numero de 900, por toda essa pompa, louca e sem justificação, em que o oiro se espalhou ás mancheias, numa furia insensata e imbecil, essas festas não têem, na nossa historia nada que as supere nem, talvez mesmo, as eguale.

Os artigos preliminares deste casamento haviam sido assignados pelos embaixadores respectivos de Espanha e Portugal em 7 de

---

pag. 275 e seg.; 362 e 391; e em Fr. Claudio da Conceição, *Gabinete historico*, vol. 7, pag. 300. Veja-se tambem o curioso *Manuscripto* da Bibliotheca da Universidade n.º 169, onde vem um *Diario* (incompleto) *de uma viagem de Lisboa a Badajoz e regresso a Lisboa na occasião em que as familias reaes de Portugal e Hespanha se encontraram sobre o rio Caia no anno de 1729.*

outubro de 1725. O tratado matrimonial assignou-se a 3 de setembro de 1727; dous annos depois, em 1729, realisava-se a entrevista do Caia, para a entrega da noiva de D. José.

Os monarchas espanhoes encontraram-se com os portuguêses naquelle rio, limite de fronteiras entre os dois países, e na mesma occasião fizeram os nossos reis entrega da infanta D. Maria Barbara que ia casar com D. Fernando, principe das Asturias (1).

As festas em Lisboa não desmereceram em nada das que as haviam precedido. Foi um triumpho contínuo, cheio de majestade e de magnificencia até os monarchas e respectiva comitiva entrarem no Terreiro do Paço (2). A viajem fez-se por agua desde Aldea Gallega, em innumeros barcos entre os quaes avultava, é claro, o das Majestades « gondola de inestimavel valor », diz um contemporaneo.

Fermosa frota, em bem disposta linha !
Não vi cousa melhor por vida minha ;
Nem tam embandeirada.
No Tejo, por miudo, é grossa armada.
Aos escaleres vai seguindo a esteira
Tanta real jangada de madeira,

(1) Quando D. João V emprehendeu esta viajem esteve em Evora, onde visitou a Inquisição sob o mais rigoroso incognito. O Sr. Ramos Coelho publicou sobre o caso um interessante folheto com o titulo *Visitas de D. João V á Inquisição de Evora*, Lisboa, 1902.

(2) R. Guimarães, *Summario de Varia Historia*, VI (1874), 181.

Que não poderá haver quem bem as conte.
Creio que até Belem fariam ponte ;
De embarcações só era a bella enchente,
Que a de agua se suppunha occultamente.

E' assim que Thomás Pinto Brandão, o auctor do *Pinto Renascido,* aquelle que « viveu de alegrar os outros e morreu de fome », começa narrando os successos, cuja testemunha foi. A' mingua de descripções pormenorizadas nas historias do tempo, as feitas pelos poetas da epoca têem um valor precioso e sam um subsidio seguro para conhecermos os acontecimentos de que se occupam. Nas suas obras não ha sequer sombras de inspiração, mas onde falta o valor artistico, encontra-se o historico, por vezes numa medida que nos compensa do enfado da leitura. As *Sylvas, Jornadas, Relações,* etc., dedicadas a celebrar o consorcio de D. José com D. Mariana Victoria, sam para nós chronicas rimadas (1).

(1) Eis as que conhecemos e aqui ou além utilisamos no nosso trabalho :

1. — *Jornada Real vista por cartas jogadas,* por Thomás Pinto Brandão, Lisboa occidental, Officina da Musica, anno de M.DCC.XXIX.

2. — *Boas vindas reaes dadas, cantadas ou tocadas* pelo mesmo Thomás Pinto Brandão. Id., *ibid.*

3. — *Obra Nova do mesmo,* impressa juntamente com a *Vida e morte de um coelho morto pela ser.ma Princeza dos Brasis o qual coelho foi embaslamado por Monsieur Liote.* Id., *ibid.*

4. — *Relação Nova do fogo do Castello,* pelo mesmo.

5. — *Descripção da Ponte em Belem na entrada da ser.ma Princeza dos Brasis D. Maria Anna Victoria,* feita por um anonimo. Id., *ibid.*

6. — *Enora Buena que dió Evora Ciudad a la ser.ma Sr.a Princeza del Brasil nuestra sr.a,* por Pedro Vaz Rego. Id., *ibid.*

7. — *Epithalamio nas Augustas Vodas do Ser.mo Principe do*

outubro de 1725. O tratado matrimonial assignou-se a 3 de setembro de 1727; dous annos depois, em 1729, realisava-se a entrevista do Caia, para a entrega da noiva de D. José.

Os monarchas espanhoes encontraram-se com os portuguêses naquelle rio, limite de fronteiras entre os dois países, e na mesma occasião fizeram os nossos reis entrega da infanta D. Maria Barbara que ía casar com D. Fernando, principe das Asturias (1).

As festas em Lisboa não desmereceram em nada das que as haviam precedido. Foi um triumpho contínuo, cheio de majestade e de magnificencia até os monarchas e respectiva comitiva entrarem no Terreiro do Paço (2). A viajem fez-se por agua desde Aldea Gallega, em innumeros barcos entre os quaes avultava, é claro, o das Majestades « gondola de inestimavel valor », diz um contemporaneo.

Fermosa frota, em bem disposta linha !
Não vi cousa melhor por vida minha ;
Nem tam embandeirada.
No Tejo, por miudo, é grossa armada.
Aos escaleres vai seguindo a esteira
Tanta real jangada de madeira,

(1) Quando D. João V emprehendeu esta viajem esteve em Evora, onde visitou a Inquisição sob o mais rigoroso incognito. O Sr. Ramos Coelho publicou sobre o caso um interessante folheto com o titulo *Visitas de D. João V á Inquisição de Evora*, Lisboa, 1902.

(2) R. Guimarães, *Summario de Varia Historia*, VI (1874), 181.

Que não poderá haver quem bem as conte.
Creio que até Belem fariam ponte ;
De embarcações só era a bella enchente,
Que a de agua se suppunha occultamente.

E' assim que Thomás Pinto Brandão, o auctor do *Pinto Renascido,* aquelle que « viveu de alegrar os outros e morreu de fome », começa narrando os successos, cuja testemunha foi. A' mingua de descripções pormenorizadas nas historias do tempo, as feitas pelos poetas da epoca têem um valor precioso e sam um subsidio seguro para conhecermos os acontecimentos de que se occupam. Nas suas obras não ha sequer sombras de inspiração, mas onde falta o valor artistico, encontra-se o historico, por vezes numa medida que nos compensa do enfado da leitura. As *Sylvas, Jornadas, Relações,* etc., dedicadas a celebrar o consorcio de D. José com D. Mariana Victoria, sam para nós chronicas rimadas (1).

(1) Eis as que conhecemos e aqui ou além utilisamos no nosso trabalho :

1. — *Jornada Real vista por cartas jogadas,* por Thomás Pinto Brandão, Lisboa occidental, Officina da Musica, anno de M.DCC.XXIX.

2. — *Boas vindas reaes dadas, cantadas ou tocadas* pelo mesmo Thomás Pinto Brandão. Id., *ibid.*

3. — *Obra Nova do mesmo,* impressa juntamente com a *Vida e morte de um coelho morto pela ser.ma Princeza dos Brasis o qual coelho foi embaslamado por Monsieur Liote.* Id., *ibid.*

4. — *Relação Nova do fogo do Castello,* pelo mesmo.

5. — *Descripção da Ponte em Belem na entrada da ser.ma Princeza dos Brasis D. Maria Anna Victoria,* feita por um anonimo. Id., *ibid.*

6. — *Enora Buena que dió Evora Ciudad a la ser.ma Sr.a Princeza del Brasil nuestra sr.a,* por Pedro Vaz Rego. Id., *ibid.*

7. — *Epithalamio nas Augustas Vodas do Ser.mo Principe do*

Pela leitura dessas poesias, pondo de parte os exageros duma forma accentuadamente gongorica, cheia de ridiculo preciosismo, podemos fazer idéa approximada do que então se fez em Lisboa.

Em Belem, para o desembarque, havia-se construido uma ponte em que se gastaram sommas avultadas com pinturas allegoricas ao acto e ás personagens reaes.

As madeiras haviam desapparecido sob os adornos, abundavam as flôres entrelaçando tudo

Amalthea entornou a cornucopia
E em laços de primores,
Fontes corriam, respiravam flores.

Pôs-se o cortejo em marcha depois de terem sidos servidos esplendidos manjares a toda a

---

Brasil o Sr. D. José, etc. Author o Dr. José de Mattos da Rocha. Id., *ibid.*

8. — *Breve descripcion de la entrada que sus Magestades y Altezas luzitanas hizieron por el rio Tajo en la Corte*, etc. por un Ingenio Portugues, etc. Reinpr. en Lisboa, año de 1729. E' reimpressão do folheto que com o mesmo titulo saiu em Madrid, menos cuidadosa e sem as siglas da margem, algumas bastante importantes.

9. — *Ao feliz suceso com que S. Magestade fez sua jornada*, etc. Soneto glosado em outava por Leonardo Pereira. (Sem data nem logar de impressão).

10. — *Sucinta Relacion en un curioso romance que refiere por menor el... aparato com que entró en la plaza de Yelvas el... duque de Ossuna*, etc. Impresso em Sevilha.

11. — *Relacion y verdadero romance en que se declaran con individualid los reales desposorios*, etc. *Ibid.*

Etc., etc.

Côrte. O coche das Majestades e Altezas era puxado a oito cavallos brancos. Este carro era uma maravilha de luxo e de riqueza

No tuvo altar en Chipre tan decente
La Diosa competida de otras Diosas;
No es tan lucido el carro, que en cristales
Sepulta presumidas vanaglorias.
Quanto inventaron Persas, y Romanos
Triunfo à la Dignidad Imperatoria,
Desta magnificencia fue un bosquexo,
De aquestas realidades torpe sombra.

Na pequena praça da Esperança o cortejo parou para ouvir as saudações que, pela boca de Jorge Freire de Andrade, o Senado de Lisboa dirigia aos regios Esposos.

As ruas estavam vistosamente adornadas. Não causavam pequeno pasmo os espelhos, aqui e além distribuidos por entre a verdura, desconhecidos da grande maioria das pessoas e só propriedade dos mais abastados

Industria de lealtad no praticada
En otros siglos y en Naciones otras,
Que les enseña à hallar reproducidos
Los naturales Principes, que adoran.

Os *Vinte e Quatro,* bem como os representantes dos gremios populares de differentes nações, francêses, inglêses, hollandêses, allemães, espanhoes, etc., mandaram levantar vinte e quatro arcos triumphaes espalhados desde a Ponte até ao Terreiro do Paço, nos

logares principaes — Loreto, Rua Nova, Pelourinho, etc.

A' porta da Patriarchal estavam os conegos em communidade, distinguindo-se entre todos o Patriarcha D. Thomás de Almeida. Recebida debaixo do palio seguiu a Familia Real para a Capella, onde foi cantado o *Te-Deum,* acabado o qual deu entrada no Paço, seguindo-se o beija-mão, e havendo musicas, luminarias, etc. durante a noite (1).

IV

Ora, precisamente, um dos numeros mais curiosos e que maior interesse despertava no povo, então como sempre avido de tudo o que o diverte, era um fogo de artificio habilmente preparado e em que se havia dispendido sommas fabulosas. O fogo devia ser queimado no Castello, logar proeminente, donde poderia ser admirado por quasi toda a Lisboa. A anciedade era natural sabendo-se que muitos mil cruzados iam ser gastos durante as tres noites, que tantas duraria a funcção e que o pyrotechnico, que o confeccionara, era um Padre ou Conego, ao que parece, habil na arte a que se consagrara por amor, por dinheiro, ou por um capricho qualquer, bastante singular entretanto.

(1) E' muito interessante o folheto de Thomás P. Brandão *Boas vindas,* já cit.

citam-se as allusões attinentes ao caso feitas pelos escriptores coevos.

Na interessante monographia de Filippe Simões — *A invenção dos aerostatos* (1) — encontram-se reunidas bastantes dessas allusões e ahi vêem, portanto, algumas pertencentes ao *Foguetario*. Sam porém em numero diminuto (2) porque Filippe Simões servia-se dum codice da Bibliotheca de Evora, que continha apenas os dous primeiros cantos do poema, tal qual o manuscripto 389 da Bibliotheca da Universidade, que tambem encerra sómente aquella parte fragmentaria da obra.

No *Foguetario* o Voador apparece em sonhos ao Conego após a noite malfadada e tenebrosa do fogo

> ... em sonhos hum vulto me aparece,
> Que na indistinta e insolita figura,
> Bem que na forma humana homem parece
> Indicava de mono ter mistura:
> . . . . . .
>
> (*Foguetario*, II, 3.ª).

(1) *A invenção dos aerostatos reivindicada, exame critico das noticias e documentos concernentes as tentativas aeronauticas de Bartholomeu de Gusmão* (com duas gravuras) por Augusto Filippe Simões, Evora, 1868. Além dos trabalhos citados na curiosa memoria de Filippe Simões importa mencionar-se, por fornecer algumas notas interessantes, o folheto do brasileiro Visconde de S. Leopoldo — *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão.*

(2) Log. cit., pag. 52-54.

Eis as palavras que o Tojal põe na boca de Gusmão ao dirigir-se ao Conego:

Eu sou o Voador bem conhecido
Por meus varios ardís na Lusa Corte,
. . . . . .
. . . . . .
Hum navio inventei que ao Céo subido
Havia navegar do Sul ao Nórte.

(*Foguetario*, II, 10.ª).

A seguir o Voador explica a sua origem e ascendencia, e termina por dizer ao outro que o deus do Inferno, afinal, o havia nomeado seu postilhão e era nessa qualidade que o procurava.

O Padre arrepia-se contemplando entre atonito e medroso o estafermo da visão:

Ficou o Padre tal, tão ingerido,
Arrepiando as carnes e os cabellos
Como o gato do gozo perseguido
Que alça o rabo, ergue o lombo, erriça o pêlo,
Os dentes arreganha espavorido,
E finalmente envolto em hum novelo,
Ao latido do perro encarniçado
Se mostra mais medroso que assanhado.

(*Foguetario*, II, 23.ª).

E as allusões seguem, depois, numerosas, apresentando o Voador como dominador e senhor dos ares, graças ao

. . . . . lenho alado
De foles rodeado estranhamente,
Os quaes, com raro engenho, industria, e arte
Vento lhe hião fazendo a toda a parte.

(*Foguetario*, III, 9.ª).

Bastava esta só circunstancia para merecer á obra de Pedro de Azevedo Tojal outra sorte que a que até aqui tem tido.

Quando lemos todas estas referencias, corroboradas por muitas outras de outros escriptores, como por exemplo, de Thomás Pinto Brandão, que no *Pinto Renascido* faz menção *de ter visto voar* o Padre, vemos que é impossivel contestar o facto que as determina e explica.

Se Gusmão teve a laureola de perseguido e martyr, pois que para evitar as accusações do Santo Officio é que fugiu de Lisboa precipitadamente em 1724, não lhe roubemos a da iniciativa duma empresa, que pelas suas consequencias, num futuro por ventura proximo, através de tantas tentativas tragicas e pavorosas, ha-de marcar epoca na historia das conquistas do homem para dominar a Natureza.

As poucas glorias que temos, authenticas e legitimas, não as façamos mais poucas pela nossa inercia e indifferença.

VI

Restaria agora dizer alguma cousa do manuscripto, que nos serviu para esta publicação. E' o n.º 404 do catalogo da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, a que pertence. Encerra, entre outras poesias, uma copia do

Foguetario em bella calligraphia, mas duma detestavel e defeituosissima orthographia, por vezes inintelligivel (1). A impressão do poema já emprehendida pelo sr. Rodrigo Velloso e de que possuimos um exemplar em folhas, graças á penhorante amabilidade deste cavalheiro permittiu-nos um confronto util e vantajoso, dando sempre ao manuscripto que serviu de texto a preferencia que merecia. Pondo todo o esmero nesta edição sentimos-nos satisfeito por tornar conhecida uma obra que, no seu genero, é digna de figurar ao lado do *Hyssope* de Antonio Dinís da Cruz e Silva e do *Reino da Estupidez* de Francisco de Mello Franco.

MENDES DOS REMEDIOS.

(1) O ms. está evidentemente truncado. Actualmente, e conforme ainda o Catalogo ms. existente na Bibliotheca, contém, além do *Foguetario*, mais o seguinte :

— *A hum memorial mudo, que fez a El-Rei por figuras o insigne Pintor Portuguez Francisco Vieira Lusitano.*

— *Testamento do defuncto Luís Bahia Monteiro governando o Rio de Janeiro.*

— *Outras poesias.*

Mas não se contava no programma dos festejos com um obstaculo serio, gravissimo e tanto que para o caso era insuperavel, invencivel, — a chuva!

De facto, o tempo que até então se mostrára primaveril mudára quasi repentinamente. Estava-se em fevereiro. No dia 12 fôra a entrada solemne e faustosa, que esboçamos a largos traços; já neste dia a atmosphera perdeu a sua limpidez, mas não se desfez em aguaceiros. Ficou em ameaças. Descrevendo a festa diz o Thomás Pinto:

O que lhe faltou só foi o *toldado,*
Porém o ceu la teve esse cuidado (1).

Mas no dia 13 a chuva caía a cantaros, e o fogo devia perder muito do seu effeito.

Raios de agua choviam
E chuveiros de fogo mais subiam
Porque a abrandar-lhe a força com que estava
Toda aquella humidade não bastava.

No dia 14 a tempestade recrudesceu. O Tejo arrebatou nas suas ondas enfurecidas a formosissima ponte que dois dias antes servira para o desembarque. Mas nada impediu que fosse queimado o fogo destinado para aquelle dia.

(1) *Boas Vindas*, já cit.

Thomás Pinto é que jocosamente adverte, em assomos de zombaria:

E eu, de telhas abaixo, digo agora,
Que estranhei chover tanto nessa hora;
Ou é que quis *El-rei* que mais chovesse,
Porque mais seu poder se conhecesse,
Pois com isso mostrava,
Que ao seu fogo nem agoa lhe apagava;
Isto digo por vêr que não chovera
De outras vezes, que aqui festas fizera
Estando cai não cai a agua pendente (1).
. . . . . .

Ao terceiro dia a borrasca serenou e acabaram de gastar-se os *cem mil cruzados,* que o magnanimo D. João V mandára empregar e consumir no fogo de artificio:

um fogo tam activo
Era alegre, era muito e successivo;
Successivo porque era sempre em quente
Sem interpollação, nem accidente;
Alegre para os *Noivos* festejados;
E muito pois custou cem mil cruzados;
E de quem o assoprava mais seria
Porém mais no *Castello* não cabia.

(1) *Relação Nova do fogo do Castello,* já cit.

A *Breve Descripcion* composta por um *Engenho Português* dá tambem conta do assombro produzido por este fogo:

De fuego artificial maquina insigne
Sobre eminente sitio se remonta,
Para que más vecinas las Deidades
Sus rayos temam, y sus truenos oygan.

Ingeniera virtud hace, à centellas,
Que rayos suban, que la esfera rompan,
Que el dia se antecipe y sean del Alva
Las clarissimas lagrimas que lloran.

Si de entre sus cenizas sepulcrales
El Griego Ulisses despertasse aora,
Viera en su fundacion, por vivo aplauso,
Lo que su engaño fulminara a Troya.

Quem ficou egualmente consagrado na fama foi o auctor e confeccionador de « *machina tam insigne* », como diz o versejador. Escreve o Thomás Pinto no fim da sua curiosissima *Relação Nova:*

Seja pois celebrado hoje em Lisboa
Um fogo duas vezes da Corôa,
Que é grande *Padre-Mestre* o feitor d'elle,
No qual teve mais ordens que n'aquelle
Que era tambem Castello
Porém Castello foi Xuxurumello,
Nome que lhe puseram os rapazes,
Que andaram n'esse fogo pertinazes.

V

Adivinha-se pelo que rapidamente fica traçado, qual seja o objecto do poemeto-satyra. Da mal succedida empresa pyrotechnica, mercê da borrasca imprevista, o vulto do Conego artifice ergue-se numa visão de ridiculo a esconder-se, elle agora, sob um chuveiro de gargalhadas. E' então que o Tojal calça o borzeguim de comico, agita a guizalhada da implacavel troça e começa

> Não canto as armas já, canto os foguetes,
> Canto o Varão por elles celebrado,
> Novo calcinador dos....
> Dos tráques Engenheiro celebrado :
> .....
>
> (*Foguetario*, I, 1.ª).

O episodio mais interessante do poema é o que se refere a Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o celebre inventor dos aerostatos, o *Voador*, como por escarneo o appelidaram os seus contemporaneos e que, ridicularizado por elles, foi num hospital, em terra estranjeira, render o ultimo suspiro.

Como prova documentaria da originalidade d'um facto, de que temos injustificadamente sido esbulhados, pois que a invenção das machinas aerostaticas se attribue geralmente aos irmãos Montgolfiers, quando as experiencias de Gusmão são anteriores 74 annos,

FOGUETARIO

FOGUETARIO

POEMA HEROICO

OFFERECIDO

Ao muito sordido, fetido e temido Deos do fogo, o grande Vulcano, Senhor dos Ferreiros, Director das fumaças, Espalhador das faiscas, Imperador dos fogoens, espirros, escorvas e escorias

PELO HEROE DO POEMA O REVERENDO CONEGO

EROSTRATO FOGACHO,

Assoprador dos murroens, Consumidor da torre da polvora, Thesoureiro mór das buchas, Provedor das escorias, Capataz, e Director da prezente Torre de fogo:

COMPOSTO PELO

MORDOMO-MOR DOS CIENFUEGOS

Censor das girandolas, Qualificador dos montantes, e Saca-buchas geral de todo o artificio de fogo, etc. etc.

COIMBRA, 1904

Editado por Francisco França Amado, com loja de livros.

FOGUETARIO

POEMA HEROICO

OFFERECIDO

Ao muito sordido, fetido e temido Deos do fogo, o grande Vulcano, Senhor dos Ferreiros, Director das fumaças, Espalhador das faiscas, Imperador dos fogoens, espirros, escorvas e escorias

PELO HEROE DO POEMA O REVERENDO CONEGO

EROSTRATO FOGACHO,

Assoprador dos murroens, Consumidor da torre da polvora, Thesoureiro mór das buchas, Provedor das escorias, Capataz, e Director da prezente Torre de fogo:

COMPOSTO PELO

MORDOMO-MOR DOS CIENFUEGOS

Censor das girandolas, Qualificador dos montantes, e Saca-buchas geral de todo o artificio de fogo, etc. etc.

COIMBRA, 1904

Editado por Francisco França Amado, com loja de livros.

PROLOGO

Humido, frio, e desconsolado Leitor, a este frioleiro (bem que fogozo espetaculo) assistente, humido pela chuva, frio pelo fogo, e desconsolado por huma e outra coisa; pois te recolhestes com esta desconsolação, eu agora te quero consolar molhando-te a bocca com este poema. A acção, que nelle decanto, se faz heroica pela oppozição de Jupiter. O Heroe do poema se fez celebre por assaz celebrado da fallacia do vulgo. O poema, querendo Deos, se fará conhecido no mundo pelo heroe, que decanta: perdoa-me a temeridade em me atrever, sendo hum pobre Icaro, a remontar com tam rasteira penna aos relevantes vôos do engenho de tam grande, e tam elevado Dedalo; e finalmente se achares o poema sem sal é por que sem ser sardinha ainda vai fresco com o sangue na guelra, e adeos, que estou com pressa, e me vou com fogo ao Poema.

Vale.

CANTO PRIMEIRO

ARGUMENTO

Disposto o fogo, e decretado o dia,
Quando Jupiter lá do Ethereo assento,
Por certa prezunção, por elle envia
Mijos de chuvas, cameras de vento;
Mas levantado o tempo, e a noite fria
O manto despregando escuro, e lento,
Fogo á Torre se dá, que com refolho
Dormio deitando as barbas de remolho.

1.ª

Não canto as armas já, canto os foguetes,
Canto o Varão por elles celebrado,
Novo calcinador dos .....,
Dos tráques Engenheiro celebrado :
Na furna do silencio entre os barretes
Jaz Amaro da Lagem sepultado,
Cesse o que do Voador se brada e canta,
Que outro engenho mais alto se levanta.

2.ª

Musa !... porem que Musa aqui por pulha
Pode vir aos clamores do meu rogo,
Se das Musas e Ninfas na patrulha
Huma não ha sequer que advogue o fogo ?
Mas para dar calor a tanta bulha,
Venha pois fogo aqui ferindo logo
Quem para esta ignea acção meu plectro abona
Da Chamusca a mais calida fregona.

3.ª

A quem se não a ti, Sacro Ferreiro,
Fabricador dos raios do Tonante,
Devo este dom votar bem que grosseiro
Pois és nos fumos Deus sem similhante ?
Os meus versos proteje lisonjeiro,
Do meu heroe os guarda fulminante,
Que se este papel colhe, tenho agouro,
Que o faça tráque e acabe em fim de estouro

4.ª

Quiz o exemplar da Hispanica grandeza,
Por divertir ao povo Luzitano
Illuminar a Corte Portugueza
Com varios artificios de Vulcano;
Abre a mão generoza a esta empreza,
A arbitrio alheo outorga grato e urbano,
Para os dispendios ampla faculdade,
Lance nelle nativo, sem vaidade.

5.ª

Quando hum Padre com ordens de Artilheiro,
Desejando lamber esta torcida,
De Conego collado em Fogueteiro,
Para mestre do fogo se convida,
A praça lhe dá de granadeiro,
Toma a si toda a obra pretendida,
O apparato maquína, e desde logo
Intitulado foi Reitor do fogo.

6.ª

Porque attençoens a maquina mereça,
Huma torre ideou no pensamento,
Que por factura ser de tal cabeça
Mais que torre de fogo, era de vento :
A fabricar pois esta começa,
Ferve a obra, não cessa o movimento,
E o Conego suando sem desdouro,
Era a calcar nas buchas como hum Mouro.

7.ª

Obrado o fogo, a torre concluida,
De eminentes muralhas coroada
De sulfurea materia guarnecida,
Ficou logo com magnifica faxada.
A viuva, a donzella, a recolhida,
A velha mais discreta, e entrevada,
Todo o mais bicho vivo ali concorre
A ver o fausto da soberba torre.

8.ª

O vulgo em pareceres repartido
Qual no plebeo he solito costume,
Hum dizia : « isto está com arte ordido »,
Outro : « que disto o auctor não tinha lume » ;
Porem neste argumento competido,
O que de maior satrapa prezume,
Dizia com severo frontespicio,
« Senhores, cada qual no seu officio.

9.ª

Os officios, que aos Padres são conjuntos
He o officio Divino, (proseguia)
He juntamente o officio de defuntos,
E finalmente o officio da agonia ;
Mas o de fogueteiro, e os mais adjuntos
A esta tão plebea picardia
Não he de crer, que em hum barrete caiba,
Bem que ler, escrever, e latim saiba. »

10.ª

Todos cabeceando o dito aprovão,
Deixando á tal razão cahir a orelha
E onde por homem de grão fundo o louvão
No que falla, dispõe, diz, e aconselha,
Porem o que sómente lhe reprovão,
Era entoar a voz com a sobrancelha,
E conhecido o tal por derradeiro,
Quem havia de ser ? — Era hum barbeiro !

11.ª

Em tanto andava o Conego lidando,
Os rastilhos, e guias repartindo,
Os morteiros, e peças assestando,
E os pontos para as nuvens dirigindo,
Quando Jupiter nisto suspeitando
Ser segunda traição, e prezumindo,
Que outro novo Typheo tinha na terra
No Padre, que fazer-lhe ouzava guerra :

12.ª

Chama Juno, e lhe diz : « outra ousadia
Temos no temerario arrojo humano,
Pois vejo contra os Céos artilharia
Disposta por hum barbaro profano ;
Porem não seja eu quem ser sohia,
Se não fizer num trapo este magano,
Donde me veja delle assaz vingado,
Jove não teme ser excomungado ! »

13.ª

Acabou de fallar — e a Deusa irada
Estas razoens apenas escutando,
Tal caramunha fez, tal estralada,
Que ali se foi o ar logo engrossando ;
Orion acudio, e nua a espada,
Foi as nuvens com ella acutilando,
Quando (oh ira de Deos) se attendeo logo
Vir hum diluvio de agoa sobre o fogo.

14.ª

O Padre, erguendo aos Céos as sobrancelhas,
Já tonto dava hum tombo, e outro tombo,
E levantando as mãos, baixou as orelhas,
De tanta agoa lhe cahir no lombo ;
Exclama : « oh Iris, tu, que a cor vermelha,
Verde, azul, e as de mais te formam pombo,
Pois és dos temporais o quadrilheiro,
Prende de pés e mãos este chuveiro. »

15.ª

O Iris deste coloquio namorado
Se surrio com benevolo semblante
E por lhe dar socego ao seu cuidado
O tempo serenou no mesmo instante :
O Padre vendo o Sol já sem nublado,
Fermozo, claro, bello, e rutilante,
Se alegra, e salta, já não cabisbaixo,
Não obstante o fogo ir pela agoa abaixo.

16.ª

Qual depois de trovoens, de chuva, e vento,
O sol seus resplendores facilita;
E ainda o mais paralitico jumento
Alça o rabo, as orelhas arrebita,
E aquelle que não tinha movimento
De ver o Sol somente resuscita,
Tal o famigerado auctor do fogo,
Ida a chuva, tomou coragem logo.

17.ª

Já as tenebrosas azas estendia
Sobre os ares a noite pavorosa,
Junto o plebeo, e toda a fidalguia,
A moça, a velha, a fea, e a mais fermosa;
Trapeiras, espigoens, e a cotovia,
Tudo occupava a turba populosa,
Retumbão os timbales, e os boazes,
Ferve o concurso, gritão os rapazes!

18.ª

O Conego o murrão á torre empurra,
Porem feito cão d'agoa o fogo emperra,
Só num canto huma parte ali se esturra,
Outra ao ar de enxurrada se desterra;
Vendo o calote, e conhecendo a surra
Do reverendo auctor o povo berra,
E elle emfim vendo dar o fogo em borra
Foi com elle no rabo feito zorra.

CANTO SEGUNDO

ARGUMENTO

Ao flammigero Padre que dormia,
Huma vizão em sonhos apparece
Por quem o Rei do Averno ali lhe envia
O decreto intimar, que o esmorece:
Aturdido e medroso do que ouvia
Se esconjura, a vizaõ desaparece;
E o Padre ao decreto obedecendo
Todo de pés e mãos ficou tremendo.

1.ª

Depois de tão confuza tempestade
De traques, buscapes, de chuva, e ventos,
Trouxe a manhã serena a claridade
Entre alegre alvorada dos jumentos :
....
.....
.....
.....

2.ª

Mas no sono o meu Padre inda agarrado,
No silencio jazia mais profundo,
Sem o acordar nem zurro duplicado,
Nem estrondo de coche furibundo :
Tão pago do fogão que havia obrado,
Que a esturro todo lhe fedia o mundo ;
Porque vendo que já cobrado havia
Boa fama, dormia, e mais dormia.

3.ª

Quando em sonhos hum vulto lhe aparece.
Que na indistinta, e insolita figura,
Bem que na forma humana homem parece,
Indicava de mono ter mistura :
Hum barrete a cabeça lhe guarnece
De azas cuberto, e calvo por tonsura,
Que voando com rouco movimento
Suspenso se librava sobre o vento.

4.ª

Qual nocturno bizouro susurrante
Maripoza de luto, horror vivente,
Azeviche com voz, carvão volante,
Dos ouvidos matraca, irra da gente,
Fole de agouros, que enfadonho, e errante
De más novas correio he diligente,
Sordina de presagios, que á porfia,
Funeraes infortunios annuncia ;

5.ª

Tal a vizão as asas sacodindo
Pendente sobre os ares se librava,
Onde ao dormente as vozes dirigindo
Estas razoens na orelha lhe encaixava :
« Oh tu, que como hum porco estas dormindo,
Oh quam milhor ao credito te estava,
A' nascença morrer, qual soffocado
Peido, ou de mamma seres embruxado !

6.ª

Desperta, os olhos abre, acode logo
A restaurar o credito perdido,
Perdido assaz, e tu com desafogo
Dando hum ronco, e outro ronco desmedido !
Vê, que huns te chamão remendão do fogo,
Outros Cyclope com loba revestido,
Humano cagalume com roquete,
Traque com murça, bomba com barrete. »

7.ª

Elle acorda confuzo, e perturbado ;
Mas cuidando ser sonho a vóz, que ouvia
Torna a pegar no somno socegado,
E o vulto, dando um brado, proseguia :
« Acorda, oh cu de sono, que indignado
Me tens a paciencia, corre, e avia
Corre a ter mão no povo, que te infama
O estado, a dignidade, a honra, a fama.

8.ª

Salta da cama o Padre ao grito horrendo,
E em quanto no estafermo a vista punha,
Lhe esteve a passarinha ali tremendo,
Da horrifica aparencia, que lhe expunha;
Porem ao que dirão elle attendendo,
Hum foguete arrebata, hum traque empunha,
E como hum cão roçando a sobrancelha
Lhe mostra os dentes, lhe arrebita a orelha.

9.ª

Sorrio-se o vulto e diz: « Ta! como amigo
Te peço, por quem és, que a furia aplaques,
Tem-te mão! não me dês, que eu me desdigo,
E assim logo embainha os triques tráques.
— « Eu não quero guerra, só quero paz comtigo,
Lhe torna o Padre, e porque o peito em báques
Palpitando me está, dize-me prompto
Quem és, que estou de ver-te aerio e tonto? —

10.ª

« Eu sou o Voador bem conhecido
Por meus varios ardis na Lusa Corte,
Elle lhe respondeo, mas succedido
Fui melhor do que tu na minha sorte;
Hum navio inventei que ao Céo subido
Havia navegar do Sul ao Nórte...
Mas logo a este ponto aqui tornando
Quem sou te irei primeiro relatando.

11.ª

Como os demais, que a minha patria ençerra
(Pelo membro viril paterno fio)
Tenho o que he clima natural da terra
Méscla de mono, sangue de bugio;
Meu pai se chamou Sancho e, se não erra
A tradição, por certo desvario
Minha mãi de outro me houve, que hum gatazio
Lhe deo na roça certo Bonifacio.

12.ª

O mono lhe pregou, e vendo ella
O estupro bestial contra natura,
Qual era, ficou feita huma cadella
Donde sahi no sangue com mistura;
Bitica era o seu nome (e a parentella
Calo) a qual filha foi do Pai Ventura
Este Ventura Pai ou Pai Ambrozio
Meco das femeas, chefe do negocio.

13.ª

Meu nativo paiz he a Bahia,
Patria por seus engenhos celebrada,
Pai de Manduz, e mãi da Xularia
Onde sem lei se vive á perna alçada;
De lá passei ao reino porque via
Que *nemo est profeta in patria* amada
E chegando a Lisboa (oh bella gente) !
Por profeta fui tido em continente.

14.ª

Nada dizia, nada imaginava,
Que credito o mais sabio me não désse
O vulgo todo em mim se embasbacava,
Sem que ninguem a arguir-me se atrevesse;
Hum grande me aplaudia e me abonava,
Porque por elle mais valor tivesse
Oráculo me fiz, e respondia
Como oráculo, sendo hum mero espia.

15.ª

Este me recolheo no proprio hospicio
Com quem ali mettendo-me de gorra
Lhe prometi traçar hum artificio
Que com vellas e quilha o ar discorra;
Eu vendo nisto o fado a mim propicio
Fui comendo, e bebendo á tripa forra,
Mas era para rir o quanto a gente
Nesta esperança andava assaz contente.

16.ª

Já cada qual os olhos levantava
Para ver se no ar o lenho via ;
Qualquer milhafre ou corvo que voava
Já huma destas naus lhe parecia;
Aquelle a San-Tiago ir intentava
Este o Preste João ir ver queria
E a mulher com dezejo mais profundo
O besbelho queria ir ver do Mundo.

17.ª

Oh gente sem refolho, oh gente liza
Digna de que a innocencia te celebre !
Capaz de te tirarem a camiza
E mais de te vender gato por lebre !
Mas o candor, que em ti mais se diviza,
Que he o que mais me causa frio e febre,
He que tambem te podem, sem negáça
Os filhos duplicar por qualquer tráça !

18.ª

Aquelle tonto o diga ou coitadinho,
Que vivendo no limbo da innocencia
Achando em caza incognito fradinho
Lhe beija a manga ali com reverencia !
Porque a mulher lhe diz que é hum santinho
Vai na fé dos padrinhos á paciencia,
Vivendo o pobre até que as ancas cheas
Delle a santinha vem a parir de meas.

19.ª

A nau gorada emfim, eu entre a gente
A opinião temendo vêr perdida
Como o mestre de esgrima destramente
Busca para ferir outra venida,
Maquinando tratei em continente
De outro modo melhor tratar da vida ;
Em arbitrista dei, onde assaz prompto
Subi o assucar ao mais alto ponto.

20.ª

Aos confeiteiros fiz andar berrando,
E buscar outro officio as conserveiras;
Por doce andar o enfermo lazerando,
Blasfemar os glotoens, clamar as freiras;
Ao mais extremo ponto isto chegando
Fiz tirar as propinas ás Parteiras,
Ao povo os bolinholos, e os foláres
Aos Curas, sem já mais ter pes de altares.

21.ª

Fui tambem dos segredos mais occultos
Por arte não vulgar tam certo espia,
Onde dos grandes derribando os cultos
Puz por terra do amor a idolatria:
Espantalhos do medo, estranhos vultos
Ficaram as Deidades, que algum dia
Fazião as mais cautas liberdades
Ixioens das rodas, Tantalos das grades.

22.ª

Eis que hum dia, no meu ninho estando,
Huns certos ruges ruges presentindo
Tomei o tole, as azas despregando,
E surrando-me, as fui ao vento abrindo:
O vôo dei ao Inferno e lá chegando
Plutão as minhas partes inquirindo
Seu postilhão me fez; elle te envia
Muito saudar... » O Padre se arrepia.

23.ª

Ficou o Padre tal, tão ingerido,
Arrepiando as carnes e os cabellos
Como o gato do gozo perseguido
Que alça o rabo, ergue o lombo, erriça o pelo,
Os dentes arreganha espavorido,
E finalmente envolto em hum novelo,
Ao latido do perro encarniçado
Se mostra mais medroso que assanhado.

24.ª

Porem tomando alento lhe responde :
Satana ! vadre retro ! eu não conheço
Esse sujeito, nem me lembra aonde
O visse, mas dir-lhe-has que lhe agradeço
A honra, e porque assim me conresponde
Que por seu obrigado me confesso,
Sendo sempre nos bens e nos perigos
Amigos, sim — porem de longe amigos.

25.ª

Prosegue o vulto : « O Rei flammigerante
Dessas negras regioens noticias tendo
De que erigiste maquina espirrante,
Ridiculo alegrão do povo sendo ;
Te ordena logo vás no mesmo instante
De Vulcano ás galés por exercendo,
Onde, aprendiz do sordido ferreiro,
Malhes em ferro frio hum anno inteiro.

26.ª

Que isto o Supremo Deus lhe manda e ordena
Por tua temeraria fantazia
De ousares assaltar essa serena
Sua isenta e invencivel Monarchia,
E que o não ser igual ao crime a pena
He porque attende a ser tua ousadia
Por mais não entenderes, por simplorio,
Cabeça de avelã, o que he notorio ».

27.ª

Disse, e voou ; e o Padre cabisbaixo,
Qual no suplicio o timido capuxo,
No chão os olhos tem e o aspecto baixo
Sem voz alguma lhe sahir do buxo :
Tal de Plutão ouvindo o atroz despacho
D'alma arrancou hum ai, qual por repuxo,
E ja sem fogo algum, calado e frouxo,
Como toucinho em saco ficou mocho.

CANTO TERCEIRO

ARGUMENTO

Para Sicilia degradado parte
Da Chamusca o Cienfuegos Reverendo;
E pelo conduzir áquella parte
O Voador os ares vem rompendo;
Num breve lenho o toma, e com tal arte
Vão por terras e mares discorrendo,
E tomão porto á vista da Bahia
Naquelle em que partirão mesmo dia.

1.ª

Ainda a ultima estrella scintilava,
Ainda immaturo parto era o do dia,
Nem gallo a vizinhança ainda acordava,
Nem matutino cego inda se ouvia;
Ainda almocreve os mûs não albardava
Nem silvava pastor, nem cão latia,
Só toda a noite o Padre erguendo os lombos
Na cama sem dormir andava aos tombos.

2.ª

D'ella enfim se levanta acelerado,
A cumprir de Plutão o atroz preceito;
E aos perigos da noite aparelhado
Com uma roda de fogo armava o peito:
Cinge hum montante no sinistro lado
E hum foguete de rabo no direito;
Tres bombas por pistólas na petrina
E a tiracólo hum tráque por clavina.

3.ª

A benção foi tomar a quem lhe dera
O ser — aquelle ser tam malfadado;
A' Mãi, digo, que morto o Pai já era
Por ver o filho a tráques inclinado:
A qual lhe diz: « oh filho, hum pouco espéra
Onde assim vás estranhamente armado?
Que sestro bestial, que influxo asneiro
De Padre te tornou em fogueteiro?

4.ª

Que influxo em ti foi este, tão violento,
Que inclinação, que sestro, ou que fadario,
Que até para matar-me o sentimento
Em buchas converteste o Breviario ?
Para apostata agora á chuva, ao vento
Ires por esse mundo tonto e vario !... »
Mas quanto mais o filho a consolava,
Tanto a pobre velhinha mais chorava.

5.ª

Dar hum abraço ao filho ella queria
(Engodo natural que a pena engana)
Mas chegar-se hum ao outro lho empedia
Dos tráques a tecida tranquitana ;
De longe cada qual se despedia,
E naquella d'ausencia dor tiranna
O filho se partio, a mãi ficando
De ramella mil lagrimas chorando.

6.ª

Armado desta sorte estranhamente
Parecia, no artificio extravagante,
De igneas bandolas arvore vivente,
De sulfureos tarecos torre andante :
Sahindo emfim de caza occultamente,
Quando della indo ainda não distante,
Sentindo aquella insolita armadilha
Lhe sahe de caens quadrupede quadrilha.

7.ª

Não tanto aquelle que em atroz fadario
Vaga, em nocturno lobo convertido,
Concilia de caens tumulto vario
Dos quaes d'hum e outro lado he perseguido,
Como se via o nosso incendiario
Da turba dos rafeiros investido !
Mas dando fogo a hum traque, foi bastante
A pôr a caniçalha em fuga errante.

8.ª

Livre o campo a jornada proseguia
E qual gato escaldado a torre olhando,
Arrancando hum gemido lhe dizia :
— Por ti agora vou perigrinando ! —
E vendo que ella não lhe respondia,
Foi o resto da noite palmilhando,
Até que o Sol de luz ainda escasso
A' gatesga o tomou pelo cachaço.

9.ª

Da espalda lhe nasceo, por que virado
Hia tomando o rumo do Occidente ;
Quando a sitio deserto emfim chegado
De cultura incapaz, ermo de gente,
Pelos ares vê vir hum lenho alado
De foles rodeado estranhamente,
Os quaes, com raro engenho, industria, e arte
Vento lhe hião fazendo a toda a parte.

10.ª

Ao leme vinha hum mono com casquete
De lona coscorão, que em mil carquilhas
Era emplasto, com longes de barrete,
Por ter feito co'o forro já partilhas ;
A capa, com minguantes de roquete,
Hum apontoado era de rodilhas,
Isca a loba, o que o Conego notando
A estava para buchas desejando.

11.ª

E vendo aquelle clerical bandalho
Cruz-diabo com coroa na derrota,
Presumio, pelo ver todo hum frangalho,
Ainda reliquia ser de Aljubarrota ;
Nem aos *ambobus* servia de tresmalho
A rede dos calçoens, que pela rota
Malha assaz lhe escapavão, sendo o artelho
A escoria extrema do calçado velho.

12.ª

O Conego para elle dubio olhava,
Como quem já algum tempo visto o havia,
Porem por mais e mais que discursava
Onde ou quando lembrar-lhe não podia,
Quando a elle o da nau mais se chegava
E de ver hum ao outro se sorria,
Hum por ser lá da terra inda retalho,
Outro por ser das aves espantalho.

13.ª

« Que é isto, amigo, já me não conheces ?
(Lhe diz o Nauta) E elle lhe responde :
« Que já te vi, segundo me pareces,
Mui bem lembrado estou, mas não sei onde !
« Tu do teu grande amigo assim te esqueces ?
(O mono erguendo a voz lhe corresponde)
Eu sou aquelle, que em medonho aspeto,
Te intimei de Plutão o atroz decreto ».

14.ª

O Padre lhe examina a voz e o rosto
E conhecendo-o, todo arrepiado,
« Aqui já vou (lhe diz) na estrada posto
A cumprir promptamente o teu mandado ;
Vou a Deus, e á ventura, a tudo exposto
Lá de Sicilia ao sitio assinalado
A dar ao meu degredo prompto effeito
Se he que lá por aqui se vai direito ! »

15.ª

« Antes errado, o mono lhe dizia,
A terra, que procuras, vais buscando
E por isso eu a dar-te certa guia
Venho nesta naveta o ar sulcando :
Que o mesmo Rei do Averno a ti me envía
Para nella milhor te ir lá guiando,
Onde o Ethna em Sicilia abraza o centro ! »
Disse, e dando-lhe a mão o meteo dentro.

16.ª

E logo, dando aos foles, foi subindo
Aos ares o batel como hum foguete,
Pega-se ao mastro o Conego, sentindo
Do vento arrebatar-se-lhe o barrete,
E para o guia os braços dirigindo
Dizer querendo — amaine-se o traquete —
Disse « amaine-se o tráque !... » porque o vento
No meio lhe troncou de susto o alento.

17.ª

Em quanto isto se passava, occultamente
Hum dos Cyclopes hum tição trazendo
Por de traz lho impingio, e quando o ardente
Pó se foi em estoiros desfazendo,
No rabo elle sentindo o fogo urgente,
Entre as pernas com elle foi correndo,
E vendo arder as barbas do vezinho
Largou o mono o pano ao largo pinho.

18.ª

Sorrio-se o Voador, vendo que o tráque
Se lhe prendeu na boca por costume
E pelo socegar lhe diz : « basbaque,
Que risco aqui o teu rigor prezume ?
Mas, por que do teu animo se aplaque
O receio, que nelle se resume,
Sabe que esta he a arivaga barquinha,
Que eu tanto prometido ao Luso tinha.

19.ª

Nella irás navegando e discorrendo
Até chegar ao sitio, que procuras,
Varias cidades, varias terras vendo,
De gentes humas doceis, outras duras » ;
Disse — e a naveta á parte retorcendo
Onde do már batendo as ondas puras
Vive á vista do mouro a Adusta gente,
Tambem crestada a luz do Febo ardente ;

20.ª

Chega a esta provincia em tempo breve
Onde o Conego hum pouco estando atento,
Como parvo no povo absorto esteve,
Admirando tão grande ajuntamento :
Depois que vezes tres medido o teve
Ao outro diz (da voz soltando o alento) :
« Fóra com tão vastissima caterva !
Assaz aqui o *crescite* se observa !... »

21.ª

« Que hade ser, se esta gente cauteriza
Os rins ? responde o mono em continente,
Cantharidas, que a terra fertiliza,
São a sua comida mais frequente
Porque só por vianda tem preciza
A amendoa, a junça, a passa, e o figo ardente,
A tamera, a alfarroba, as quaes na berra
Com cio aos filhos faz andar da terra ! »

22.ª

Disse, e inclinando á outra parte a quilha
Logo lá sobre a ilha vão primeira ;
Donde descobrem huma e outra ilha,
A Terceira, a do Pico, e a da Madeira ;
O Conego de as ver se maravilha
Sem na agoa se afogarem, — forte asneira !
Mas deitou á do Pico o olho logo
Desejando-a fazer Torre de fogo.

23.ª

Depois de estar hum pouco embasbacado
Naquellas povoaçoens, que estava vendo,
« Oh Padre ! disse, tu, que és traquejado
Nestas e outras regioens, que andas correndo,
Dize se este plebeo, de ondas cercado,
Cágados são, que na agoa aqui vivendo,
São como em Lycia aquella inutil gente,
Que em rans tornou Latona antigamente ? »

24.ª

Estes são os Ilheos (lhe respondia
O Voador) aos quaes a fama aponta
Por homens de elevada fantasia,
Mas homens de quem Marte não faz conta;
Porque não sei por que etymologia
Lhes chamão por labéo *facas sem ponta,*
Delles sendo os servos por inconstantes,
A' Patria ladrões sempre, e sempre errantes.

25.ª

Ainda mal que assim é e o vi já, tanto
(O outro lhe diz) que hum desses com mão franca
Surrou á minha velha a saia e o manto,
E a mim me deixou mal de roupa branca!
Mas tanto não senti tudo isto quanto
Chorei (e hum ai aqui do peito arranca)
Huns calções, que em mil tréculas tornados,
Os tinha para buchas reservados.

26.ª

Em quanto este successo proferindo
Ia o Conego, o outro ao rumo attento
Paciente ia o lenho conduzindo
Por levar tezo na culatra o vento;
Flecha não tam veloz o vento abrindo
Foi nunca com tão leve movimento
Como a pequena nau bebendo os ares,
Parecia gaivota sobre os ares.

27.ª

« Oh Padre (o outro diz) que a Circe excedes!
Tira-me das questões da fama incerta,
Se ha entre os mares, que com a vista medes,
A Ilha, que se tem por encoberta? »
Filho! (o mono responde) a que me pedes
Noticia, a succeder, verás que é certa,
Mas melhor é deixar tal ponto, antes
Que quebrar a cabeça com ignorantes.

28.ª

Já dez horas enfim erão passadas,
E só duas ou tres restavão ao dia,
Quando de longe vêem as levantadas
Torres e corucheos lá da Bahia;
Já o sopro das auras enfrascadas
Da catinga o fartum ali trazia;
E por melhor sinal, que perto estavão,
E' que os ares a mono lhe cheiravão.

29.ª

A derrota não seguem por diante,
Que o mono para baixo olhando attento,
Naquella costa em numero abundante
Vio de outros monos vasto ajuntamento:
Ali festa com o rabo fez bastante
Fazendo monarias cento a cento,
Os monos lá debaixo então grunhirão
Como quem muito dantes se não virão.

30.ª

O Conego ficou estupefacto,
Vendo aquella monifera inglezia,
E vendo o socio estar em mui mau acto,
Que lhe pregasse o mono assaz temia;
Temia pelos mais pagar o pato
Mas sacudindo o medo assim dizia:
« Padre! não me dirás que terra é esta,
Que o rabo aqui te move a tanta festa? »

31.ª

Esta é a minha doce patria bella,
Assaz doce por hum e outro engenho,
Onde a minha familia e parentella
Por estes matos espalhada tenho;
Aqui com segurança e sem cautella
Sempre a minha folia a fazer venho
Entre estes macaquiferos amigos,
Meus naturaes, e Pais da patria amigos.

32.ª

Pais da patria porque (se é que não erra
A fama) todos delles descendemos
Quantos este terreno agora encerra,
E os mais, que por noticia conhecemos ;
E esta turba que ves, que cobre a terra,
Foi gente como nós (se a fama cremos)
Mas a preguiça e a vida assaz magana
Lhes fez perder em parte a forma humana. »

33.ª

Isto dizendo, abaixo o lenho inclina,
Com elles pernoutar ali querendo ;
Porque pelos outeiros já Lucina
Vinha os brancos cabellos estendendo ;
E diz ao socio : « em quanto a matutina
Luz não raiar, tu fica aqui torcendo
Linhas, e a bucha atura juntamente,
Que eu me vou refrescar co'a minha gente. »

34.ª

Foi-se ; e ficando o outro solitario
Ali na sua vida martelando,
Por nem fumo haver já de breviario
Com Deos me deito foi de cór rezando :
Porém com o pensamento sempre vario,
Não podia pegar no somno brando,
Onde enroscado em si como hum repolho,
De quando em quando ali dava ao piolho.

CANTO QUARTO

ARGUMENTO

A viajem prosegue e do Oceano
Sahe o Etereo Argonauta discorrendo,
E entrando sobre o mar mediterrano
Para Sicilia os ares vai rompendo,
Chegando ao Etna a nau recolhe o pano
O reo ao Deos do fogo offerecendo
Da parte de Plutão; e ali hum successo
Teve o Padre, ridiculo e travesso.

1.ª

Um és não és de luz já parecia
Vislumbrar nos balcões do dubio Oriente,
Donde nascendo a Aurora se lhe via
A moleira sahir escassamente,
Quando por alvorada a monaria,
Em mogigangas mil alegremente,
Saltando, a luz do dia festejava,
Porque a rapina as roças lhe mostrava.

2.ª

Chega o Padre manduz todo suado,
Onde com ledo e placido semblante
Sauda o outro ; e logo ao lenho atado
Dos foles solta o vento sybilante :
Ao furibundo sopro o pano inchado
Se põe sobre a Bahia ao mesmo instante,
Na hora em que tambem meia Bahia
Em cima da outra meia estar se cria.

3.ª

Já de todo nascida a infante Aurora,
Para o trabalho a gente encaminhava,
Que daquella cidade dentro e fóra
Em varios menisterios se occupava ;
O Nauta, sem fazer aqui demora,
Por diante a seta governava,
Demandando a Sicilia na derrota,
Terra que lhe ficava assaz remota.

4.ª

O Padre admira nua a negraria
La sahir das palhoças e choupanas ;
Mostrando ao summo ardor da zona estia
Ter mais caninas carnes do que humanas ;
Gente boçal, indomita e bravia,
Que por alvergues tem as arribanas,
A qual via fervendo e negrejando
Bem como de estorninhos denso bando.

5.ª

Vio da cidade os principaes senhores
De engenhos, não de engenhos nomeados,
Com quem os gaviões governadores
Se limpão da carepa e vem curados ;
Vio tambem os chatins contratadores
De varias borundangas carregados,
Digo, os nossos fossões, áquellas gentes
Venderem-lhes mil drogas differentes.

6.ª

A vil mulataria distrahida
Vio por pardaos vender a carne humana,
Que a outra que de dia é recolhida
De noite vida vai buscar magana ;
Vio dos Mandûs a gente ignava e ardida
Affeminada e frouxa e assaz profana
C'os cachimbos na boca como estado
Coçando-se no ... por desenfado.

7.ª

Voltando a proa ao mar mediterrano
A derrota tres sóes forão seguindo,
Procurando o paiz Siciliano
Fim da viajem que hião proseguindo :
Do giro que até aqui do vasto Oceano
Fizerão, varias terras descobrindo
Forão de estranhas, e diversas gentes,
De ritos e costumes differentes.

8.ª

Este giro quiz dar porque obrigado
Do amor da patria que ir ver queria,
Ou foi qual esse incauto moço alado,
Cabecinha de vento, que entendia
A seu Pai exceder, onde elevado
Da sua temeraria fantasia,
Nunca merecedor de humana magoa
Foi dar por banana c'os bodes n'agoa.

9.ª

Eis quando lá no ultimo horizonte
Olhando cá de longe virão logo
Aos ares exhalar um niveo monte,
Polifemos de fumo, Antheos de fogo :
Esse era o Ethna, que da ardente fronte
No mesmo estrago tendo desafogo,
Com bravo impulso e estrepito violento
Troias lançava ao ceo, lutos ao vento.

10.ª

Mais perto desse monte os dois chegando
Quando em chamma mais viva e crepitante
As fragoas virão, onde fabricando
Vulcano estava os raios de Tonante;
Ali os duros malhos alternando
Fazião um golpe e outro penetrante,
De Pyracmon, Steropes e Brontes
Os pólos retumbar, tremer os montes;

11.ª

Os quaes os malhos logo suspenderão,
Naquelle estranho vulto reparando,
Onde, que era Mercurio supuzerão,
Que com azas nos pés vinha voando,
Que por vir pelos áres entenderão
Ser elle, que os talares despregando
Lá baixava do céo com vôo errante,
A buscar algum raio ao Deos Tonante.

12.ª

Aqui o guia á nau etherea e alada
Colhendo o pano, em terra prende a quilha;
E os Cyclopes de hum vendo a encruzilhada,
E vendo o outro qual Manoel Trapilha,
Foi tal o riso, tal a gargalhada,
Que houve entre elles de ver tal armadilha,
E de outro os pingalhos, que ao ruido
Sahio da Deosa adultera o marido.

13.ª

Lá da furna sahio onde, alternando
Hum fole com outro, dava ao fogo alento;
E zambro de huma perna, aos dous chegando
Lhes deu nos braços grato acolhimento;
E, a cara de ferreiro serenando,
Lhes diz: « Amigos! que secreto intento
Ou destino vos traz a ver o monte
Nunca visto, se bem que a fama o aponte? »

14.ª

« Muito sordido Deos, cujo igneo imperio
De todo o ferro-velho é venerado;
Esse, que rege o horrifero hemisferio
Saude e paz te envia afeiçoado;
E te pede, pois tens o magisterio
Do fogo, que este admittas, que apupado
Foi no Luso paiz publicamente,
Por simples sacerdote, tabescente.

15.ª

Porquanto hum fogo fez com tal corrença,
Que mal aceza a arida materia,
De estoiro tal morreo logo á nascença,
Do destempêro de uma dysenteria,
Porque sem se suster sem mais detença,
Todo se embrulhou com tal miseria,
Onde tão grande maquina á carreira
Em hum só ponto acabou de .....»

16.ª

Isto o mono lhe disse — e em reverente
Acção parou, a vista á terra dando,
Ao que elle respondeo em continente:
« Cá tive essa noticia, e que voando
Fez ir em trambulhões a incauta gente,
Pondo a cidade em risco miserando
De a fazer por acaso, ou por tramoia,
(Como novo Sinon) segunda Troia.

17.ª

Quiz seguir as pizadas de Erostrato,
Porque, de incendiario na vangloria,
Da fama tendo o universal boato,
Seo nome eternizasse na memoria ! »
« Sim ! (o mono lhe diz) mas deste flato
Que tirou ? foi ficar a borra e escoria
Este rapido fogo reduzido,
Só por fogo selvagem conhecido. »

18.ª

Vulcano se sorrio, e no sorriso
Qual mono se mostrou na vista estranha,
Que na festa que faz encrespa o vizo,
A testa enruga, os dentes arreganha;
Nem visagem, que mais movesse a riso,
Em burlesco entremez se vio tamanha !
Ao mensageiro emfim, com lisongeira
Resposta, despachou desta maneira :

19.ª

« Ao grande rei dirás, dessa obstinada
Região, que por simpatico alvedrio
Sua affeição de mim é mais presada,
E que o mando saudar e paz lhe envio ;
Que obedecer-lhe em tudo é lei forçada,
(Alem do amor) por divida, e por pio
Zelo ; e que fico entregue do sujeito,
Que será ao que ordena logo eleito.

20.ª

Mas por ora será de huma fornalha
Sota-organista, e assim que desde logo
Emquanto cada qual nos ferros malha
Vá dar aos fóles, coadjutor do fogo. »
Disse, voltou, e o Padre arranca e espalha
D'alma hum profundo ai por desafogo,
Ficando, quando ouvio um tal despacho,
Qual o burro com mormo, cabisbaixo.

21.ª

Emquanto isto passava, occultamente,
Hum dos Cyclopes hum tição trazendo,
Por detraz lh'o impingio, eis quando o ardente
Pó se foi em estoiros desfazendo,
E no rabo sentindo o fogo ingente
Entre as pernas com elle foi correndo,
E vendo arder as barbas do visinho
Largou o mono o pano ao largo pinho.

22.ª

Bem como o gato ao qual a rapazia
Põe no rabo um foguete ou traque atado,
Que sentindo estourar por travessia
Saltando vai a um e outro lado,
Onde em clamor festivo, alta alegria,
Do pueril tumulto é festejado,
Por ver o triste assaz crestado e fusco,
Tanto a esturro feder, como a chamusco,

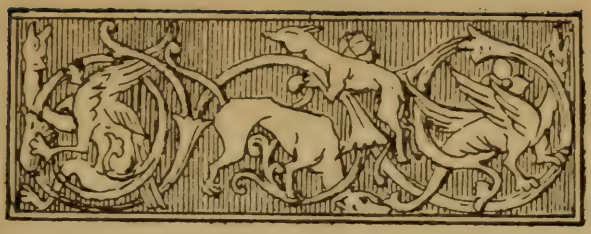
23.ª

O Padre assim, com hum e outro estouro,
Ambas mãos no ... põe c'o rabo ardendo,
Do qual pelada a lã, crestado o couro,
Ora saltando vai, ora correndo:
Mas por não tomar isto por desdouro
Tudo a galhofa os maganões mettendo,
Ou á boa feição, com manha e traça,
Fizerão que passasse a acção por graça.

CANTO QUINTO

ARGUMENTO

Venus, do Padre assaz compadecida,
Com ancia busca a Jupiter Tonante,
O qual da Deosa á suplica sentida
Comovido de dor, no mesmo instante
Das deidades convoca a esclarecida
Corte, aonde em congresso circunstante
Propondo o cazo, ao reo da Torre ardente
Lhe levanta o degredo em continente.



1.ª

Emquanto o Padre os foles alternava
A sua lamentando amarga vida,
A elle a pia Venus se chegava,
E de ouvir-lhe o lamento enternecida,
Com materna piedade o consolava
(Mãi de filhos em fim !) e de sentida,
Sem mais fazer, tratou no mesmo instante
De se ir deitar aos pés do Deos Tonante.

2.ª

Logo se foi burnir bem como aquella,
Que do obsceno ministro dependente,
Certo o favor na pretensão que anhella
Tem no luxo, no agrado, a labia urgente,
Assim do amor lascivo a Deosa bella
Ao Deos buscando mais omnipotente,
Ante elle soluçando se apresenta
E em voz truncada a dor lhe reprezenta :

3.ª

« Oh summo Deos dos Deoses ! se a piedade,
Das deidades brazão, te move e obriga
A que a fraca e ignorante humanidade
A usada compaixão de ti consiga,
Absolve aquelle reo, cuja asnidade
O tem onde ella mesma hoje o castiga ;
Digo, aquelle flammigero sujeito,
Que contra ti por Juno foi suspeito.

4.ª

Mas se de credito a verdade é digna,
Nunca entrou nelle tão ouzado intento,
Força do fado seu foi só mofina,
De que todo o mortal não vive isento,
Assim que, por quem és, te dobra e inclina
A tirá-lo de officio tam violento
Qual é o de ferreiro; isto te péço,
Se é que por femea teu favor mereço.

5.ª

« — Todo o favor é pouco ao que mereces,
Oh bella Deoza (Jove lhe responde),
Tal que tu mesma a ti te favoreces,
No merito, a que nada corresponde;
Mas esse reo, de quem te compadeces,
Livrar não posso, sem saber por onde,
Porque é justo e razão ver primeiro
Se o meu favor em damno é de terceiro. »

6.ª

Manda logo a Mercurio que chamados
Os Deoses ali fossem competentes;
Os que podião ser prejudicados
Por futuros acasos contingentes,
Este os talares solta accelerados
E as Deidades convoca concernentes,
As quaes concorrem logo, onde o Superno
Numen dos mundos dous tem o governo.

7.ª

Sentado estava onde recto e justo
Dá leis a tudo, tudo conservando;
Em regio throno, com semblante augusto,
De si hum ar divino respirando;
Entra primeiramente o Deos robusto,
E ante elle reverente ajoelhando,
O elmo desenlaça, ergue a viseira,
Onde com a mão aponta-lhe a cadeira.

8.ª

Era a cadeira a elle mais chegada,
Formada de materia transparente,
De rubins e de perolas cravada,
(Se é que Camões e Gongora não mente)
Que aos mais autorizados destinada
Era já por assento mais decente,
Onde se assenta com feroz semblante
Alçando o peito tumido e arrogante.

9.ª

Entrou o Deos do vinho em continente
Exhalando de si tal baforada,
Que a sala que cheirava ricamente
Em adega ficou degenerada ;
Juno com Ceres ambas juntamente
Entrárão, cada qual como enfadada,
Que huma e outra já fumos ter devia
Do que Venus de Jove pretendia.

10.ª

Só Neptuno, com capa de doente,
Por correio a Tritão com escusa envia ;
Porque o Deos d'agoa e o Deos do çumo ardente
Sempre hum com outro teve antipathia ;
Tal que nunca quizerão juntamente
Estar em hum logar em companhia ;
Sendo só nestas pazes medianeiros
Em os fazer unir os taverneiros.

11.ª

De hum uterino flato enfermo Apollo
Entrou ainda mal convalescente,
Causado de um poeta ir ao Pactolo
Empurrar-lhe hum romance impertinente :
Cheio de vento o assaz soberbo Eolo
Feito fole bufando entrou sequente,
A quem nas ancas foi o Deos do Averno
Da luz morcego, cagalume eterno.

12.ª

Esse Deos que dos immundos carvoeiros
Já tem cá neste mundo destinados,
E os dos pós de çapatos, e os Ferreiros,
Para atiçar o fogo aos condemnados;
Tambem são deste numero os forneiros,
Por homens que andão sempre afogueados
E toda a mais ignifera canalha,
De forno, forja, trempe, e de fornalha.

13.ª

Nesta forma as deidades se ajuntárão
Ante Jove, que estava mudo e quedo,
Na sala que os poetas lhe ideárão,
Uzados a fazer a obra co'o dedo;
Porém se estes de embustes a formárão,
Eu que poeta nunca fui de enredo
Digo naquella sala (a não ser nada)
No espaço imaginario fabricada.

14.ª

Quando Jove o silencio aqui rompendo,
E por todos girando a vista errante,
Do peito a voz desata assim dizendo:
« Oh divino congresso, que ao Tonante
Por Supremo senhor reconhecendo,
E tendo-o pelo Deos mais relevante,
Lhe dais obediencia por tributo
Desde aqui té lá onde impéra Pluto!

15.ª

Já sabeis como o autor daquelle fogo,
Que por traidor a Juno foi suspeito,
Foi por meu mando desterrado logo,
Entregue ao Deos Vulcano e delle aceito:
Porem se é que favor merece hum rogo
De huma deidade, de hum femineo peito,
Que piedosa me pede lhe levante
O degredo, em que assiste tão distante:

16.ª

Concedei-lho, que eu já por perdoado
O dou por tão formosa intercessora,
Qual é Venus, que com peito magoado
De lhe ouvir o lamento, isto me implora;
Este o meu parecer, mas se acertado
Não for, dai vós o vosso voto agora,
Que o meu, oh Deoses, é por derradeiro,
Não sendo em prejuizo de terceiro.

17.ª

Disse — e logo hum murmurio sussurrante
Foi indistinctamente percebido
De entre o conclave, que vociferante
Era a enxame de abelhas parecido:
Porém Marte, attendendo á supplicante
Ser Venus, de entre os mais hum tanto erguido,
De repente o sussurro socegando
O silencio rompeo assim fallando:

18.ª

« Ousadia seria o replicar-te
Esta sacra assemblea ao que é teu gosto;
Que sendo do reo sómente a parte,
A ti somente o indulto toca exposto. »
Juno aqui se levanta, ouvindo a Marte,
E tingindo da côr da ira o rosto,
Como mulher colerica e incitada
Soltou de vozes esta trovoada:

19.ª

« Eu bem sei porque Marte tanto acode
Por Venus, se a noticia não me engana...
Mas inda mal, que até co'os Deuses póde
O miseravel... d'huma magana!
Tal que o pobre marido feito bode,
Anda por ella; e emfim é tão mundana,
Que não ha garanhão ou lapidario,
Que lhe não ande atraz sempre ao socairo.

20.ª

E pelo Padre ser tão empenhada,
Por segundo Typheo sendo suspeito,
Deve de andar com elle amancebada,
Que a que o Demo tomou lhe fica hum geito. »
Venus lhe grita : — « oh bocca depravada,
Que fallas ? sem temer o duro effeito
De hum raio, que te caia em continente
Nessa maldita lingoa mal dizente ? ! »

21.ª

Sorrio-se Juno, mas com hum rir picante,
Como quem riso e colera mistura ;
E querendo com a lenda ir por diante,
Em lhe ler a cartilha com mão dura,
Jupiter, dando hum golpe penetrante
C'o conto do bastão na séde pura,
O Ceo tremeo, e Appolo de turbado
Hum pouco a luz perdeu como enfiado.

22.ª

« Que é isto, oh Deidades retumbantes ?
Este logar acaso é a Ribeira,
(Diz) aonde palavras similhantes
Andão sempre na casa dianteira ?
Certo que já não sois quem ereis dantes,
Pois cada qual, em tom de regateira,
Contra o vosso deifico conceito
Vos deshonraes, perdendo-me o respeito ! »

23.ª

Quando, por lhe aplacar o fogo ardente
Da ira, em que elle todo se abrasava,
Bacco aqui se levanta em continente,
Inclinando a cabeça assim lhe orava :
« Oh Padre sobre os astros preeminente !
Socega, por quem és, a furia brava ;
Pois sabes muito bem o que as mulheres
São humas para as outras ». Quando Ceres

24.ª

Sahindo ao dito, a Jupiter diz logo:
« Que ha de dizer, senhor, quem não repara
No prejuizo alheio? E assim te rogo
Por tua excelsa estirpe tão preclara,
Que lá fique esse reo, que senão fogo
Porá a toda a rustica seara;
Tanto que se verá por derradeiro
De fome perecer o mundo inteiro! »

25.ª

Depois de estar suspenso hum pouco Eolo,
Como quem na materia imaginava,
Cabecinha de vento, mas não tolo,
Nas razões que dizia se mostrava:
« Oh tu, que reges de hum a outro pólo
Quanto humedece o Tejo, e o Indo lava,
Ao querer das rivaes não te accomodes,
Que não é bem que peças o que podes ».

26.ª

Plutão lhe diz o mesmo; e aqui Tonante
Parecendo-lhe o voto concernente
Resolve: « oh tu, Plutão, no mesmo instante
Buscar manda o sulphureo delinquente: »
Isto disse com rigido semblante,
Por decreto absoluto e preeminente.
Assim foi o conselho peregrino
Entre o conclave esplendido e divino.

27.ª

Todos juntos aqui se levantárão,
Onde Venus a Jove a mão beijando,
Para as suas esferas caminhárão;
Só Juno e Ceres foram blasfemando!
Finalmente huns dos outros se apartárão,
E Plutão logo ao Voador buscando,
Seu Postilhão, a ordem lhe deu logo
De ir levar o decreto ao Deos do fogo.

CANTO SEXTO

ARGUMENTO

Plutão hum mensageiro ao Etna envia,
O decreto intimar do Deos Tonante;
Donde o Padre execrando posto em via,
Voltado á patria foi no mesmo instante;
Dos amigos e Mãe com alegria
Recebido, sonhou que heróe triumphante
Inda havia de ser por lei do fado
O que se viu, por tal sendo acclamado.

1.ª

Ás furnas infernaes sendo chegado
O Rei nocturno desse imperio ardente,
E ante elle o Voador sendo chamado,
Lhe diz: « oh meu Ministro confidente,
Torna outra vez ao Etna acelerado,
Pois de meu Postilhão tens a Patente,
E ao Deos do fogo o meu votando affecto,
De Jupiter lhe expõe este decreto:

2.ª

« Que esse Padre aprendiz, que incendiario
Hia sendo, inundando o mundo em fogo,
Que da forja ás galés foi por falsario,
Sem nenhuma objecção t'o entregue logo;
Que assim o manda Jove, e se o contrario
Entender, lhe dirás que este a seu rogo
Por ti lhe foi entregue, e por verdade
Co'os sinaes que lá houve o persuade ».

3.ª

Callou-se; e o postilhão ouvindo apenas,
A cabeça inclina e a nau prepara;
Nova barca do Averno, que de antenas
Não carece, mas sim de rêmo e vara:
Ao léme posto, o vento nas melênas
Rijo lhe dava, a que elle intonsa cára
Voltando, parecia na átra fronte
Em todo o horrendo vulto outro Acheronte.

4.ª

Garça menos veloz penetra o vento,
Exhalação nem tanto fende a esféra,
Nem pelouro com moto mais violento
Sahe do arcabuz, que de Storopos fizera,
Como elle pelo fluido elemento
Co'os foles á naveta impulso déra,
Onde sondando baixos, e eminencias,
Chegou ao Etna em breves audiencias.

5.ª

E com submissa acção apresentado
Ante Vulcano, humilde e lisongeiro,
Da parte de Plutão o decretado
Mando lhe expôs do Deos dos Ceos primeiro;
O que elle ouvindo com benigno agrado,
Por conhecer do Inferno o mensageiro,
Com mostras de prazer lhe lança o braço,
Afagando-o co'a mão pelo cachaço.

6.ª

E vai ter com o famigero exercendo,
Que num canto se estava espiolhando:
« Amigo! dá-me alviçaras, dizendo,
Ajunta o teu farnel e vai-te andando,
Que aqui te vem buscar o reverendo
Conductor, que te trouxe o ar sulcando,
Adeos, oh filho, adeos, vai-te á carreira,
E adverte em não caires noutra asneira! »

7.ª

Não mais se alegra o burro que encoimado
Esteve em suja e porca estrebaria;
Onde entoando uivos de esfaimado
Passa em huma profunda hypocondria;
O qual vendo-se solto, hum duplicado
Zurro dispara ao ar com alegria;
E alçando o rabo, na carreira estranha,
Frange o beiço, e co'o zurro enche a campanha

8.ª

Tal o Padre ficou, e mais contente,
Quando ouviu o decreto da soltura;
E ao Mestre a mão beijando em continente
Co'o Voador se metteu na Nau segura;
Ali ambos se abraçárão rijamente,
Que amor só, lé com cré faz ligadura
E depois de prazer tão grato e urbano,
Dão aos fóles o vento, e ao vento o pano.

9.ª

Emquanto os densos ares navegárão,
Alternadamente forão conversando
Nos infortunios, que até ali passárão,
Cada qual respondendo e perguntando,
Té que com vento prospero chegárão
A Val de Cavallinhos, e deixando
Ahi o Nauta ao Padre, em tom violento
Deu hum estouro, e foi varando o vento.

10.ª

Ficou o Padre absorto e arrepiado,
Daquelle berro ouvindo o estrondo ingente,
Porem como era a bombas costumado,
Se desarrepiou, e logo a frente
Voltou para casa, onde chegado
Da mãe foi festejado alegremente
Dizendo-lhe: « oh meu filho, dá-me os braços,
Que unico arrimo são dos meus trespassos.

11.ª

Estes olhos me alegra, oh filho amado,
Que emfim cuidei que nunca mais te visse,
Quando delles (que dor!) foste apartado
Por aquella de traques parvoice...! »
Mas elle ouvindo a mãe mudo, e calado,
Como toucinho em saco, só lhe disse:
« Isto é já tarde, e assim razões deixemos,
E ámanhã largamente fallaremos. »

12.ª

De cór se foi deitar o Padre, e entanto,
A velha pregar o olho não podia;
Porque o prazer a tinha em mudo espanto,
Que é do somno espantalho uma alegria;
Mas quando á noite o tenebroso manto
Rasgava a matutina luz do dia,
O Conego acordou a hum grande zurro,
Que disparou por alvorada hum burro.

13.ª

Ao reclamo se ergueu e concorrendo
Dos amigos o rancho a visitá-lo,
D'elles as boas vindas recebendo
Lhes contou seus successos alto e malo;
A que todos pasmados attendendo,
De tempo por grandissimo intervalo,
Como bestas ali ficárão, quando
Hum rompeu o silencio, assim fallando:

14.ª

« Cessem do sabio Grego e do Romano
As navegações grandes, que fizerão;
Que as vossas com alento mais que humano,
Inda as de Alexandre hoje excederão;
Tambem se calem desse heróe tirano
Os trabalhos que tanto o engrandecerão,
Cessem os que ainda forão de mais lóte,
Como os de Sancho Pansa e D. Quixote.

15.ª

A' vista dos que tendes relatado
Todos são hum cominho, hum mentiroso
Conto, ou hum desproposito, sonhado
Por Palmeirim, Cervantes ou Trancoso;
Mas ditoso de vós que grangeado
O brazão inda tendes mais famoso,
Que o famoso Orlando, e o vão Rogeiro,
Em vós hum e outro verdadeiro.

16.ª

Tal podeis vir a ser, porque em caminho
Não desviado estaes de tanta gloria ;
Por ter passado no volante pinho
Tantos trabalhos dignos de memoria ;
A rosa não se colhe sem que ao espinho
Se arrisque a mão que a apanha ; nem victoria
Pode dos males ter, como deseja,
Quem com elles constante não peleja.

17.ª

Assim que, em conclusão, tende esperança
De vos ver na maior felicidade ;
Que sempre ao tempo mau segue a bonança,
Como á bonança segue a tempestade. »
Disse ; e os demais amigos confiança
Lhe derão, confirmando esta verdade ;
E despedidos delle, elle banzando
Ficou naquelle auspicio vacillando.

18.ª

Vacillando ficou, e aquelle dia
Passou nesta fantastica vangloria,
Até que pondo o horror da noite fria
A luz diurna em fuga transitoria,
As vans imagens, que na fantasia
Estampou por virtude da memoria,
No somno em que jazia recordadas,
As viu melhor num sonho figuradas.

19.ª

Viu vir ao longe hum velho venerando,
Porem pallido hum tanto, e macillento,
Que de genio remisso, ignavo e brando,
Mostrava ser no passo frouxo e lento ;
O qual a elle pelo ar chegando,
E fitando-lhe os olhos, mudo e attento,
Lhe disse (e ao mesmo tempo o pé direito
Lhe põe por pesadelo sobre o peito :)

20.ª

« Oh tu, feliz varão, quam pouco esperas
No que a sorte te guarda assaz jucunda!
Ah! se esperasses tal como estiveras
Fora dessa somneira tão profunda!...
Acorda, pois que não de humildes heras,
Mas de feno, com gloria sem segunda,
Te has de ver pelas mãos do mesmo fado
Por heroe mais famoso laureado.

21.ª

Desperta, os olhos abre, e vai-te logo
Dos armazens ao Provedor regente,
E lhe pede que traque-mór do fogo
Te faça de hum, que agora está pendente.
Que eu te asseguro que sem muito rogo
Delle o tal te fará superintendente
Só com saber que nesse crepitante
Etna os raios forjaste ao Deos Tonante.

22.ª

Este fogo é tal, que celebrado
No Castello ha de ser, donde remindo
O credito perdido, ali laureado
Com as verdes malvas te has de ver do Pindo;
Onde serás por todos acclamado,
Apenas delle vencedor sahindo
Por morrão-mór, primaz dos .....
Archizorra das bombas e foguetes. »

23.ª

Emquanto isto dizia, o Padre attento
Nelle com os olhos fitos mudo estava;
Mas das fauces soltando o oppresso alento,
Assim trocando as vozes lhe fallava:
« Quem és tu, que esse vulto corpulento,
Bem como etherea nuven densa e brava,
Me assombra?... E o que tens tu co'a minha sorte,
Em ser eu ou não ser homem de porte? »

24.ª

« — Eu sou Morfeo, a quem todo o vivente
Por acção natural vive sujeito ;
Que as mais vezes lhe finjo docemente
Falsas imagens no mental conceito ;
Porem agora, não com apparente
Ficção, te affirmo que serás eleito
Heroe dos cagalumes neste fogo. »
Disse, sumiu-se, e o Padre acordou logo.

25.ª

Acordou sonsamente estremunhado,
Qual o burro, que vendo cousa estranha,
Rissa o pêllo, ergue o lombo, e o ... pregado
O rabo todo ali se encolhe e acanha ;
Em cujo objecto, timido e pasmado
Na insolita visão que dubio estranha,
Os olhos fita ainda indifferente
Duvída se é ou não sombra apparente.

26.ª

Tal o Padre, depois que o pesadelo
Lhe deixou livre a errante fantasia,
Depois de duvidá-lo, e assaz teme-lo,
Onde tinha as orelhas não sabia ;
Mas como aquelle fervoroso zelo
Do credito, e da honra o constrangia,
Assentou ser o vulto verdadeiro
E enviado do céo por mensageiro.

27.ª

Vai-se, sem mais tardar, presto e anhellante,
A oppor-se á preferencia entre a patrulha
Dos mais traquistas, onde foi bastante
Para o despacho a força de ser grulha ;
Patente se lhe deu no mesmo instante,
Com a qual foi fazendo a magna bulha
A tomar posse com festiva sorte
De saca-buchas mór do termo e corte.

28.ª

Dispôs o fogo, dado a traqueria,
Forma melhor, mais solido modelo;
Hum calcava, outro atava, outro batia,
Soava o monte aos golpes do martelo;
Cada vez mais a obra ali fervia,
Nada a entender se dava no Castello;
E feito o fogo, e destinado o dia,
Corre a ve-lo o povo e a rapazia.

29.ª

Já circumspecta ali toda a Cidade
Por ver delle o successo contingente,
Os mais sómente por curiosidade
De ver se como o outro era o presente;
Deu-se o fogo, e com tal felicidade
Se espeidorrou aquelle emporio ardente,
Que com vivas a Corte retumbante
Dos traques por heroe sahiu triumfante.

FIM.

MENDES DOS REMEDIOS

Historia da Litteratura Portuguesa desde as origens até á actualidade, 2.ª ed. muito augmentada, 1 vol. ..... 1$000

Introducção á Historia da Litteratura Portuguesa, 2.ª ed., 1 vol. cart. 800

Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portuguesa:

I. — Fidalgo Aprendiz, de D. Francisco Manoel de Mello, 1 vol. broch. 200

II. — Poesias ineditas de D. Thomás de Noronha, poeta satyrico do seculo XVII, 1 vol. broch. 300

III. — Lusiadas (edição annotada para as escolas) 400

IV. — Foguetario, de Pedro de Azevedo Tojal 200

Philosophia elementar, 1 vol. cart. ..... 1$200

Os judeus em Portugal, 1 vol. broch. ..... 1$000

Sousa Martins e a Serra de Estrella, folh. 100

Cartas inéditas de El-Rei D. Pedro V 600

Uma Biblia hebraica da Bibliotheca da Universidade de Coimbra 200

3 9424 02078 6593

DISCARD